



Recomendação

“Lisboa é Um Todo”

A cidade de Lisboa tem atravessado uma profunda transformação do seu tecido económico. Ano após ano são batidos recordes no número de turistas que visitam a cidade e tal deve-se em grande medida ao crescimento descontrolado dos estabelecimentos de alojamento local.

Como foi discutido sucessivamente ao longo do anterior mandato autárquico, esta transformação tem tido um grande impacto na vida da cidade e dos Lisboaetas, não só no seu tecido económico como na aceleração do êxodo populacional para os concelhos limítrofes e na gritante perda de qualidade de vida dos que, por escolha ou por falta de alternativa continuam a morar no centro da cidade.

Na realidade, constata-se que é precisamente sobre o centro histórico da cidade que é exercida a maior pressão, sobre a habitação, sobre os transportes públicos e sobre o espaço público.

O Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa percebeu recentemente que este fenómeno carece de regulação municipal e o próprio governo já tomou algumas tímidas medidas no sentido de aligeirar ligeiramente a tributação em sede de IRS para os arrendamentos habitacionais agravando-a significativamente para o alojamento local.

Não é razoável sustentar que o turismo é a causa de todos os males da cidade, nem tão pouco faz sentido defender que é o papel dos poderes públicos acabar com ele. O que é necessário é gerir inteligentemente a relação entre a oferta e a procura.

Mas o centro de Lisboa é já, por um lado, um domínio quase exclusivo para investidores estrangeiros, e por outro, um inferno para os que ali necessitam de se deslocar e para o sossego dos que resistem.

Se não queremos, à semelhança de Barcelona limitar o número de turistas admitidos na cidade, temos que encontrar mecanismos inteligentes para os distribuir pela cidade. A título de exemplo, para combater esta pressão localizada, o Município de Amsterdão, utilizou o seu “City Card” para analisar os padrões de deslocação e visita às principais atrações da cidade. Os vendedores do cartão passaram a recomendar a visita a alguns pontos de interesse a horas específicas e a sugerir atrações alternativas às tradicionais.

Se não houver inteligência e iniciativa na gestão da oferta turística em Lisboa, o resultado no futuro será “terra queimada”.

Esta gestão tem de ser acompanhada de uma política de mobilidade realista. Não é possível continuar a assobiar para o lado face aos problemas gravíssimos de funcionamento do Metropolitano de Lisboa. O serviço que é prestado hoje é deficitário, de baixa qualidade, desadequado da procura e não serve absolutamente ninguém – turistas ou residentes. É de recordar que entre 2014 e 2015 o Município de Lisboa, através dos seus órgãos, foi protagonista ativo em divergências de fundo com o Governo, sobre o tema da mobilidade e transportes coletivos na área metropolitana de Lisboa.

Assim, a Assembleia Municipal de Lisboa, reunida em 15 de Maio de 2018 delibera:

- a) Recomendar à Câmara Municipal de Lisboa que desenvolva políticas activas para gestão da oferta turística, com vista a aliviar a pressão sobre o centro histórico de Lisboa e promova o incremento daquela actividade em áreas mais periféricas do Concelho;
- b) Recomendar à Câmara Municipal de Lisboa que elabore um plano de ação para prossecução desses objetivos;

Lisboa, 15 de Maio de 2018

O Grupo Municipal do PSD